

A RELIGIÃO NO DISCURSO DE CÍCERO DE HARUSPICUM RESPONSIS

Lara Barreto Corrêa (UFJF/PUC-Minas)

lara_bc1@hotmail.com

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

luilicarpinetti@oi.com.br

1. Introdução

A religião e a política têm intrincadas relações no mundo clássico e, neste discurso de pequena extensão, *De Haruspicum Responsis*, Cícero mostra sua maestria retórica, ao articular a tradição religiosa romana dentro do cenário político do conturbado final da República, atento às contradições do seu tempo e à defesa das instituições republicanas, em cuja defesa inclui a sua pessoa e a sua casa. Desta forma, o presente trabalho tem como finalidade trazer enfatizar os aspectos religiosos deste discurso, bem como o léxico referente às práticas religiosas, cultos e ao sagrado em geral, o léxico referente às práticas divinatórias e os termos de uso profano com origens religiosas.

2. Aspectos religiosos

Discutir-se-á os aspectos religiosos, uma vez que esses têm muitos pontos em comum na articulação que deles faz Cícero. O respeito às tradições romanas, o culto aos deuses do Estado, a salvação comum e o laço social, que une os romanos num destino comum, são lembrados por Cícero como a salvaguarda dos valores que norteiam a vida dos cidadãos romanos.

3. Aspectos religiosos no discurso

O escritor latino Sêneca tenta assim explicar o profundo sentido religioso dos etruscos. A diferença entre nós e os etruscos é: nós pensamos que os raios são produzidos como resultado do

choque das nuvens; já os arúspices, que são oriundos da Etrúria, sustentam que as nuvens se encontram para que se possam produzir raios. Visto que atribuem tudo à divindade, estão convencidos de que as coisas têm um significado não porque acontecem, mas que acontecem enquanto são portadoras de significados.

Na Antiguidade, os etruscos ganharam a fama de um povo respeitosa e particularmente voltado para a prática da interpretação das indicações divinas. Os sacerdotes-magos dos etruscos eram os arúspices; socialmente respeitados, eram encaminhados às artes divinatórias desde a mais tenra juventude, e provinham, na maior parte das vezes, das grandes famílias aristocráticas.

As práticas mais utilizadas para interpretar a vontade dos deuses eram a observação dos raios, o voo dos pássaros e o exame das vísceras dos animais sacrificados. Os romanos acabaram dependendo dos arúspices como os etruscos. Existiu um arúspice chamado Espurina que alertou a César com a famosa frase: “Fique atento aos idos de março” – vale lembrar que César foi assassinado no referido dia.

O poeta e político latino Sílio Itálico domina o espírito destes ritos, que eram observados em uma caverna manchada de sangue, entre os assobios e o lamento dos espíritos, em uma cena em que o comandante Aníbal consulta um arúspice antes de declarar guerra a Roma. Sobreviveu até os dias de hoje o instrumento de trabalho do arúspice, o pequeno exemplar de bronze de um fígado ovino, dividido em cortes, cada um dos quais com o nome da divindade que o governava.

Os áugures e os arúspices formavam uma importante corporação, nada de grande importância se fazia sem que eles fossem previamente consultados. Um áugure podia impedir uma deliberação pública sobre o pretexto de que os presságios não eram favoráveis e tinha como insígnia principal da sua função um bastão recurvado, o *lituus*, que lhe servia para delimitar o *templum* ou parte do céu de onde observava os presságios.

A fé nestas supersticiosas previsões foi depressa abalada. Conhece-se o procedimento de Clódio Pulcro, que, descontente com os seus presságios, mandou lançar ao mar os frangos sagrados, dizendo que os fizessem beber, já que não queriam comer. Catão e depois dele Cícero asseguravam que dois áugures, falavam dos áugures privados, não podiam olhar-se sem rir. Também Aníbal tinha razão em zombar do Rei da Prússia, que julgava mais útil consultar as entranhas de uma bezerra do que seus mais hábeis generais.

Auspícios é um termo genérico que designava entre os romanos os diversos presságios que se tiravam no geral do voo, do canto das aves e da maneira como elas comiam. Os responsáveis pela observação eram designados como áuspice ou áugure.

Os arúspices eram de origem etrusca e pertenciam a uma classe de sacerdotes romanos que faziam prognósticos, consultando as entranhas das vítimas oferecidas em sacrifícios. Rômulo estabeleceu em Roma os três primeiros arúspices e, aos poucos, prosperaram a ponto de formarem uma verdadeira ordem. Além do exame das entranhas das vítimas, tinham a tarefa de interpretar os tremores de terra, relâmpagos, eclipses etc. O termo aruspicina ou aruspicação é arte dos arúspices.

Cícero, em seu tratado *De Divinatione* (Tratado da Adivinhação), colocando-se em sua postura estoica, retrata a adivinhação em seus aspectos contraditórios e duvidosos, afirmando que a adivinhação é uma atividade do campo do insondável, apesar de ser uma espécie de necessidade que as pessoas têm de adiantar o que lhes vai acontecer. Em todo o tratado, ele fala dos sonhos e suas interpretações, dos auspícios e das atividades dos arúspices, além de relatar casos e situações envolvendo pessoas e acontecimentos marcantes da história.

A argumentação que coloca em dúvida a validade da adivinhação é aquela pela qual Cícero acredita que, se se recorre à adivinhação, o que havia sido traçado pelo destino acaba sendo posto em cheque pelo acaso da adivinhação, pela sua suposta imprecisão, uma vez que cada adivinho pode deduzir um presságio dife-

rentemente de outro; e torna-se difícil saber o que determina a leitura do mesmo através do exame das vísceras, uma vez que nunca serão conhecidos os critérios que nortearam tal leitura.

Cícero arrola muitos exemplos de pessoas famosas que recorreram a tais práticas, mas em tudo tem uma posição bastante cética em relação à adivinhação, acreditando que ela não suplanta a sua conduta estoica que valoriza a autodeterminação, a constância e a crença no destino, em tudo isso não acreditando no sentido de valorizar o que os adivinhos teriam a dizer em determinada encruzilhada da existência. O tratado *De Divinatione* dá um especial relevo à interpretação dos sonhos como uma forma de premonição quanto aos acontecimentos futuros, citando, por exemplo, o caso de César que sonhara dias antes de seu assassinato com imagens que apontavam para o seu fim iminente.

4. O fundamento religioso do discurso *De Haruspicum Responsis*

O discurso em estudo tem um fundamento religioso, partindo de um intuito de defesa de sua própria casa, que se encontrava em suposta situação de falta para com os deveres religiosos de um romano, Cícero aborda todos os *optimates* de seu tempo, suas causas e mazelas, em especial Clódio, autor da acusação feita contra a sua casa. A religião e a política têm intrincadas relações no mundo clássico e, neste discurso de pequena extensão, Cícero mostra sua maestria retórica, ao articular a tradição religiosa romana dentro do cenário político do conturbado final da República, atento às contradições do seu tempo e à defesa das instituições republicanas, em cuja defesa inclui a sua pessoa e a sua casa.

5. O léxico referente às práticas religiosas, cultos e ao sagrado em geral

O texto do *De Haruspicum Responsis* traz uma quantidade expressiva de termos e expressões que remetem, direta ou indire-

tamente, à prática ou às concepções religiosas do tempo e da sociedade em que viveu Cícero, nos quais pode-se situar tal texto.

As cerimônias são aludidas no referido texto com os seguintes vocábulos: *altare*, *cruentare*, *hostia*, *sacerdos*, *expiatio*, *epulae*, *flamen*, *magmentarium*, *sacellum*, *sacrificium*, *sacrum*, *sacrilegium*, *maleficium*, *maledictum*, *fanum*, *crocota*, *antistes*.

O termo *altare* é de emprego raro, equivaleria em nossa língua atual a altar, tanto quanto *ara*. A diferença é que *altare* indica um dispositivo alto, mais alto do que costuma ser uma *ara*. O texto utiliza *altare* para ênfase e expressividade, ao se referir à indecência de Clódio “*ab altaribus religiosissimis fugatus*”: expulso dos altares sacratíssimos. (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 9).

As cerimônias sagradas aparecem no texto descritas com o substantivo neutro *sacrum*, que poderia também ser a forma equivalente do adjetivo neutro correspondente a sagrado. O ato de conferir sacralidade a alguém ou a alguma coisa é atualizado com um *sacrificium*, formado da raiz do adj. *sacrum* + raiz do verbo *facere*, que resultaria no sentido de tornar sagrada alguma coisa, mediante a oferta de uma vítima (*hostia*), com ou sem libação (*libatio*) que seria o ato de derramar vinho entre os cornos da vítima. A violação do sagrado, seja a profanação dos lugares, seja o desrespeito aos deuses ou a violação dos velhos costumes dos antepassados (*mos maiorum*), cabe na noção de sacrilégio (*sacrilegium*), para o qual cabe o sacrifício de expiação.

O sacrifício de animais acarretava o derramamento de sangue, e a efusão de sangue era considerada como muito agradável à divindade. Carregam esta conotação os seguintes termos: *cruentare*, *crudelis*, *cruentus*, *crudelissime*. Uma busca no texto de Cícero revela que a prática religiosa de sacrifícios de animais servia de base para a construção de metáforas acerca da prática política. “*...suo ductu et imperio cruento illo atque funesto...*”: com aquela sua direção e comando sanguinário e nefando. (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 3). Em outra passagem, ao narrar fatos com personagens humanos, Cícero alude ao mesmo termo utilizado nas

cerimônias sacrificiais “...*Secures suas cruentari scelere no-
luit...*”: Seus machados não quis que fossem ensanguentados com
um crime. (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 35).

O termo *sacerdos* (sacerdote), bem como sua função cor-
respondente *sacerdotium* (sacerdócio) aparece no texto. O sacer-
dote flamínio é aquele que se dedica ao culto de um deus específi-
co, como, no exemplo do texto, o flamínio de Marte, L. Lêntulo,
“*flamen Martialis*” (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 12).
Lêntulo, que aparece qualificado com a função do sacerdócio, o é
como costuma acontecer a todo magistrado ou pontífice, já que o
sacerdócio é geralmente atribuição típica do cargo de magistrado.
A esta função corresponde o apelativo *antistes*, que corresponderia
à dignidade de bispo ou às variações de título dessa dignidade da
Igreja Católica. A citação seguinte descreve as tarefas e funções
abarcadas pela função sacerdotal:

...*Te appello, Lentule, – tui sacerdoti sunt tensae, curricula, praecen-
tio, ludi, libationes epulaeque ludorum...*:

Faço apelo a ti, Lêntulo, os teus carros sagrados, os carros comuns, o
prelúdio musical, os jogos, as libações e os banquetes dos jogos per-
tencem a teu sacerdócio. (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 21).

Há no texto o vocábulo *crocota*, vestido açafrão, usado pe-
las mulheres e sacerdotes de Cibele. Mesclando uma série de ele-
mentos incompatíveis, dos mais sagrados aos mais profanos, Cíce-
ro constrói a caricatura de Clódio, a quem dirige sua invectiva:

...*P. Clodius a crocota, a mitra, a muliebribus soleis purpureisque
fasceolis, a strophio, a psalterio, a flagitio, a stupro est factus repen-
te popularis...*:

P. Clódio, partindo de um vestido açafrão, um turbante, sandálias de
mulheres e fitinhas cor de púrpura, um porta-seios, uma harpa, uma
infâmia, um estupro, tornou-se, de repente, membro do partido popu-
lar. (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 44).

Os lugares sagrados são alvo de alusão no texto *De haruspi-
cum responsis*. *Fanum* designa o termo genérico para designar lo-
cal sagrado; *sacellum* designa o que hoje conhecemos como capela
e *magmentarium* indica o santuário para sacrifícios adicionais.
“...*Putant enim ad me nonnulli pertinere magmentarium Telluris*”

aperire...”: Alguns consideram, pois, que abrir o *magmentarium* de Télus a mim pertence (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 31). A governos monstruosos como o de Pisão, Cícero atribui ações restritivas quanto à cultura religiosa do povo romano:

...L. Pisonem quis nescit his temporibus ipsis maximum et sanctissimum Dianae sacellum in Caeliculo sustulisse ?...:

Quem desconhece que L. Pisão destruiu, nesses últimos tempos, uma capela muito grande e muito sagrada de Diana no Celículo? (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 32).

Há um tipo específico de sacrifício que é o de expiação, para aplacar a ira dos deuses e fazer cessar os males que afetam a vida dos homens em sociedade.

...Audio quibus dis uiolatis expiatio debeatur...:

ouço a quais deuses violados seria devida uma expiação (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 21).

...Miores nostros... portentorum expiationes Etruscorum disciplina contineri putauerunt...:

Nossos antepassados acreditaram que as expiações dos etruscos estavam contidas na disciplina dos etruscos (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 18).

A suspeita de que houve profanação dos jogos constituiria um malefício, coisa que requereria reparação ou expiação: “*...Multi enim sunt, credo, in quos huius malefici suspicio cadat!...*”: Existem muitos, na verdade, creio eu, sobre os quais cairia a suspeita deste malefício! (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 37). Também a maledicência dá ensejo à necessidade de expiação:

...Quamquam, si me, tantis laboribus pro communi salute perfunctum, efferret aliquando ad gloriam in refutandis maledictis hominum improborum animi quidam dolor, quis non ignosceret ?...:

Aliás, quem não me perdoaria se, consumido por tantas fadigas em prol da salvação comum, certa dor do espírito me levasse por vezes à glória, para refutar as maledicências dos homens maus? (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 17).

As concepções religiosas se acham representadas no texto pelos seguintes vocábulos: *supplicium*, *potestas*, *numen*, *fatum*, *fatalis*, *fas/ius*, *anniuersarius*, *Apollo*, *sanctus*, *uotum*.

Os deuses têm um ser, impingem sobre a vida do homem seus códigos e determinam penalidades sobre quem infringe seus desígnios. O ser dos deuses é o *numen*, que é aquilo que faz os deuses serem o que são: a força física de Hércules, a sabedoria de Minerva, a majestade de Júpiter. Assim é que Cícero diz que o *numen* dos deuses tudo rege e governa: “...*quod deorum numine omnia regi gubernarique perspeximus...*”: porque vimos claramente que, pelo poder dos deuses, todas as coisas são reguladas e governadas (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 19). O substantivo *potestas* aparece no texto, mas não se aplica aos deuses, e sim aos homens:

...Quamquam ad facinoris disquisitionem interest adesse quam plurimos, – ita est enim interpretatio illa pontificum ut eidem potestatem habeant iudicum – religionis explanatio uel ab uno pontifice perito recte fieri potest, – quod idem in iudicio capitis durum atque iniquum est – tamen sic reperietis frequentiores pontifices de mea domo quam umquam de caerimoniis uirginum iudicasse...:

...ainda que seja interessante que haja muitíssimas pessoas presentes à investigação do delito – assim é, pois, a famosa interpretação dos pontífices, que tenham para o mesmo caso o poder de juízes – ou poderia a explicação religiosa ser feita, acertadamente, por um só pontífice perito – porque, a mesma situação é dura e injusta em um julgamento capital – assim verificareis que pontífices emitiram julgamento sobre a minha casa, em número muito maior do que, algum dia, sobre as cerimônias das virgens (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 13).

O substantivo *supplicium* refere-se a uma súplica dirigida aos deuses, seja para obter alguma coisa, seja em ação de graças, ou como marca de submissão, mas tendeu a especializar-se no sentido sacrifício oferecido para aplacar os deuses como sequência a uma falta cometida, ou tem, na língua comum, sem dúvida, por eufemismo, o sentido de “castigo” infligido, depois o suplício. Aparece no texto a ocorrência desse substantivo na seguinte passagem:

...Secures suas cruentari scelere noluit; nomen quidem populi Romani tanto scelere contaminavit ut id nulla re possit nisi ipsius supplicio expiari...:

Seus machados não quis que fossem ensanguentados com um crime; certamente manchou o nome do povo romano com tão grande crime que não poderia ser expiado com nenhuma outra coisa senão com suplicio de si próprio (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 35).

O nome *anniuersarius* significa, etimologicamente, o que volta a cada ano. Este termo marca a sua aparição no texto na seguinte passagem:

... L. Pisonem quis nescit his temporibus ipsis maximum et sanctissimum Dianae sacellum in Caeliculo sustulisse ? adsunt uicini eius loci; multi sunt etiam in hoc ordine qui sacrificia gentilia illo ipso in sacello stato loco anniuersaria factitarint...:

Quem desconhece que L. Pisão destruiu, nesses últimos tempos, uma capela muito grande e muito sagrada de Diana no Celículo1? Estão presentes aqui vizinhos daquele lugar; há muitos também neste senado que passaram a celebrar, continuamente, os sacrifícios anuais de família, naquela mesma capela, em lugar estabelecido (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 32).

Sanctus é o participio passado de *sancio* (consagrado, sacramentado, estabelecido) e aparece no texto como “consagrado”: “*...quae denique nostri maiores tam sancta duxerunt ...*”: essas coisas que nossos antepassados julgaram tão consagradas (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 28). *Fas* é aquilo que agrada aos deuses, e os homens só estarão no beneplácito dos deuses se o que fizerem não estiver em desacordo com essa espécie de direito divino, a que se chama *fas*. Cícero lembra a oposição de *fas* / *ius*, oposição entre a vontade dos deuses e as leis humanas: “*...Oratores contra ius fasque interfectos...*”: “Oradores foram assassinados contra o direito dos homens e o dos deuses.” (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 34). Os homens mantêm comércio com os deuses na base de promessas (*uotum*):

...nostri imperatores maximis et periculosissimis bellis huic deae uota facerent eaque in ipso Pessinunte ad illam ipsam principem aram et in illo loco fanoque persoluerent...:

no decorrer de guerras bastante importantes e perigosas, nossos generais faziam, porém, promessas a esta deusa e as pagavam, na própria cidade de Pessinunte, em frente ao próprio famoso altar principal e no famoso lugar consagrado (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 28).

Há menção a diversos deuses, entre eles Apolo e os deuses do destino (*fatum*) e o adjetivo correspondente (*fatalis*). O destino é uma divindade cega, inexorável, nascida da Noite e do Caos. Todas as outras divindades lhe estavam submetidas. Os céus, a terra, o mar e os infernos estavam sob seu império: nada podia mudar o que ele tivesse resolvido; em resumo, o Destino era, ele próprio, essa fatalidade, segundo a qual tudo acontecia no mundo. Júpiter, o mais poderoso dos deuses, não pode aplacar o Destino, nem a favor dos outros deuses, nem a favor dos homens. As leis do destino eram escritas desde toda a eternidade, em um lugar onde os deuses podiam consultá-las. Seus ministros eram as três Parcas, eram elas encarregadas de executar suas ordens. Representam-no tendo sob os pés o globo terrestre, e agarrando nas mãos a urna que encerra a sorte dos mortais. Dão-lhe também uma coroa recamada de estrelas, e um cetro, símbolo de seu poder soberano. Para fazer entender que ele não variava, os antigos o representavam por uma roda que prende uma cadeia. No alto da roda está uma grande pedra, e em baixo duas cornucópias com pontas de flechas. São as leis cegas do Destino que tornaram culpados tantos mortais, apesar de seu desejo de permanecer virtuosos: em Ésquilo, por exemplo, Agamenão, Clitemnestra, Jocasta, Édipo, Etéocles, Polinice e outros não podem subtrair-se à sua sorte. Só os oráculos podiam entrever e revelar aqui em baixo o que estava escrito no livro do Destino. A figura de P. Cipião aparece como predestinada para a destruição de Cartago, depois de vários golpes aplicados por inúmeros imperadores:

...Etenim, ut P. ille Scipio natus mihi uidetur ad interitum exitiumque Carthagini, qui illam, a multis imperatoribus obsessam, oppugnatam, labefactam, paene captam, aliquando quasi fatali aduentu solus euertit, sic T. Annius ad illam pestem comprimendam, extinguendam, funditus delendam natus esse uidetur et quasi diuino munere donatus rei publicae...:

Com efeito, como o famoso P. Cipião me parece nascido para a derrota e destruição de Cartago, que, sozinho, com uma espécie de chegada fatal, outrora revolveu aquela, por muitos imperadores invadida, sitiada, arruinada, quase capturada, assim T. Ânio parece ter nascido para frear, extinguir, destruir completamente aquela ruína e, por uma espécie de presente divino, ter sido concedido à República (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 6).

Os jogos se tornam importantes neste texto, porque sobre eles recai a suspeita de que foram profanados ou celebrados sem o devido cuidado. A eles se referem os seguintes vocábulos: *megallesia*, *curriculum*, *tensae*, *praecentio*. *Curriculum* é carro comum, *tensa* é carro sagrado, *praecentio* é prelúdio musical.

Há inúmeras menções ao nome dos jogos megalésios, em latim *Megallesia*. Veja a seguinte ocorrência:

...Nam quid ego de illis ludis loquar, quos in Palatio nostri maiores ante templum in ipso Matris Magnae conspectu Megalesibus fieri celebrarique uoluerunt, qui sunt more institutisque maxime casti, sollemnes, religiosi, quibus ludis primum ante populi consessum senatui locum P. Africanus, iterum consul, ille maior dedit, ut eos ludos haec lues impura polluerit?...:

Por que, pois, eu vos falarei daqueles jogos que nossos antepassados quiseram que fossem feitos e celebrados no Palatino, em frente ao templo e sob o próprio olhar da Grande Mãe, nos jogos megalésios, que são pelo costume e instituições imensamente castos, solenes e religiosos, a cujos jogos aquele nosso antepassado P. Africano, cônsul em segundo mandato, pela primeira vez reservou lugar no senado, diante do assento do povo, para que este flagelo impuro tenha profanado aqueles jogos? (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 24).

Na sequência seguinte, aparecem os seguintes vocábulos que entram na composição de uma celebração dos jogos:

...Te appello, Lentule – tui sacerdoti sunt tensae, curricula, praecentio, ludi, libationes epulaeque ludorum...:

Faço apelo a ti, Lêntulo, os teus carros sagrados, os carros comuns, o prelúdio musical, os jogos, as libações e os banquetes dos jogos pertencem a teu sacerdócio (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 21).

6. O léxico referente às práticas divinatórias

O texto anunciará, no título, que tratará das respostas dos arúspices e é sobre essas respostas que Cícero articula sua oratória. Evidencia-se no texto a ocorrência dos seguintes vocábulos que se referem à prática divinatória: *augur*, *augustus*, *augurium*, *auspicium*, *haruspex*, *monstrum*, *ostentum*, *omen*, *portentum*, *prodigium*, *signum*, *praedicatio*.

Haruspex é um substantivo composto de *harum* (entranhas, vísceras) + *spicio* (olhar), daí olhar, examinar as entranhas; como da mesma forma *auspicium*, de *avis* (ave) + *spicio* (olhar), olhar, examinar as aves, seu voo. Cícero retorna sempre às falas dos arúspices como motivação de sua arenga e sustentação de sua extensa e densa argumentação. Assim observa-se, como ocorre em praticamente todas as situações, que os arúspices aparecem via de regra como sujeito dos verbos *dicere* e *loqui* : “...*Sed, quoniam mea causa expedita est, uideamus nunc quid haruspices dicant...*”: Mas, já que minha causa foi resolvida, vejamos agora o que diriam os arúspices (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 18).

Augur designa o áugure, sacerdote que fornece os presságios que asseguram o crescimento de um empreendimento. O adjetivo derivado é *augustus*, consagrado pelos áugures ou empreendido sob augúrios favoráveis. O adjetivo só se aplica a coisas, durante todo o período republicano; apenas no ano 727 de Roma é que se vê esse adjetivo aplicado a Otávio, com o sentido do grego Σεβαστός (a quem se deve reverência). *Augurium* designa o presságio favorável no sentido mais amplo da palavra. É um termo muito mais compreensivo que *auspicium*, que designa simplesmente a observação dos pássaros, e a época arcaica distingue nitidamente os dois termos. Mas a identidade fonética da sílaba inicial e também o fato de que o presságio mais fácil a tomar e o mais difundido era fornecido pela observação do voo dos pássaros causaram as confusões de sentido – de resto parciais – entre *augur*, *augurium* e *auspex*, *auspicium*. Deve-se notar que nunca *auspex* foi empregado para designar a qualidade de *augur*. *Augur* é título oficial, sacerdote magistrado, fazendo parte de um colégio,

cuja ação é submetida a regras. De *augur* derivam as formas verbais ativas e depoentes *auguro* e *auguror*, de que derivam augurar, inaugurar, sendo que o depoente não aparece antes de Cícero. A forma que dá origem a nossos vocábulos agouro é aquela que sofreu dissimilação e que aparece na época imperial *agurium* e *agustus*, do qual derivam o nome mês de agosto, do calendário em vigência até hoje (cf. ERNOUT, 2001, p. 57). O termo *augur* aparece no texto em uma situação na qual, referindo-se a Clódio, Cícero remete à consulta que seu adversário fazia aos áugures:

...Augures interrogabat, quae ita lata essent, rectene lata essent; illi uitio lata esse dicebant...:

Perguntava aos áugures quais coisas, nessas condições, haviam sido manifestadas e se haviam sido manifestadas corretamente; diziam-lhe que haviam sido manifestadas com deficiência (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 48).

A palavra *monstrum* ou *monestrum* que traduzimos por prodígio é um termo do vocabulário religioso, da mesma raiz de *monéo* e significa prodígio que dá advertência acerca da vontade dos deuses; como consequência, objeto ou ser de caráter sobrenatural, monstro.

Monstra dicuntur naturae modum egredientia, ut serpens cum pedibus, avis cum quattuor alis, homo duobus capitibus, iecur cum distabuit in coquendo:

São chamados prodígios aqueles seres que ultrapassam o modo da natureza como a serpente com pés, a ave com quatro asas, o homem com duas cabeças, o fígado que se dissolveu ao cozinhar (Sexto Pompeu Festo, gramático latino do séc. II d.C.).

Ostentum tanto quanto *portentum* traduzem-se por prodígio, presságio, portento, maravilha. *Ostentum* tem também a mesma raiz do verbo *ostendo* que quer dizer mostrar. *Portentum* é derivado de um composto de *por* + *tendo* e designa um presságio revelado por algum fenômeno estranho ou contrário às leis naturais; daí “coisa maravilhosa, monstruosidade, monstro”.

Prodigium teria etimologia contestada. Pensa-se na formação *prod* + *agiom*, que faria pensar na raiz de *ago*, mas também há

hipóteses que fazem pensar também na formação desse substantivo a partir da raiz de *aio*: palavra profética.

Omen significa presságio, e dá a entender que *omen* tem muitas vezes o sentido de palavra de bom ou de mau augúrio, presságio dado pela voz, e *nomen* está sempre em estreita ligação com *omen*: *bona nomina, bona omina* (bons nomes, bons presságios). De *omen*, temos a derivação *ominosus*, que se dizem de toda espécie de presságios. Outros itens lexicais derivados de *omen*: *ominor, ominaris* etc; *abominor, -aris* etc.

No trecho seguinte, encontra-se a indicação de que as previsões dos deuses do destino se acham contidas nos livros dos advinhos de Apolo. É o trecho seguinte:

...Ego uero primum habeo auctores ac magistros religionum colendarum maiores nostros, quorum mihi tanta fuisse sapientia uidetur ut satis superque prudentes sint qui illorum prudentiam non dicam adsequi, sed quanta fuerit perspicere possint, qui statas sollemnisque caerimonias pontificatu, rerum bene gerendarum auctoritates augurio, fatorum ueteres praedictiones Apollinis uatum libris, portentorum expiationes Etruscorum disciplina contineri putauerunt...:

Eu, primeiramente, tenho nossos ancestrais como inspiradores e mestres das práticas religiosas a serem cultivadas, dos quais me parece ter sido tão grande a sabedoria, que são suficientemente e superiormente prudentes aqueles que poderiam, eu não diria, alcançar a prudência dos antepassados, mas examinar claramente o quão extensa ela foi. Eles, que julgaram que as cerimônias estabelecidas e solenes estão contidas no pontificado, que as garantias estão contidas no augúrio dos empreendimentos a serem bem conduzidos, que as antigas profecias dos destinos estão contidas nos livros dos advinhos de Apolo e as expiações das calamidades estão contidas na doutrina dos Etruscos (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 18).

Referindo-se à Grande Mãe, de cujos jogos Cícero denuncia a profanação, Cícero lembra os sinais (*signa*) por meios dos quais se pode entrever o perigo:

...Haec igitur uobis, haec populo Romano et scelerum indicia ostendit et periculorum signa patefecit...:

Foi esta, pois, que a vós, esta que ao povo romano mostrou os indícios dos crimes e revelou os sinais dos perigos (CARPINETTI & CORRÊA, 2013, p. 24).

O termo *praedicatio*, que se traduz por proclamação, elogio, profecia aparece, entre várias ocorrências

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARPINETTI, Luís Carlos Lima; CORRÊA, L. B. *O discurso de Cícero De Haruspicum Responsis*: Guia de Leitura. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2013.